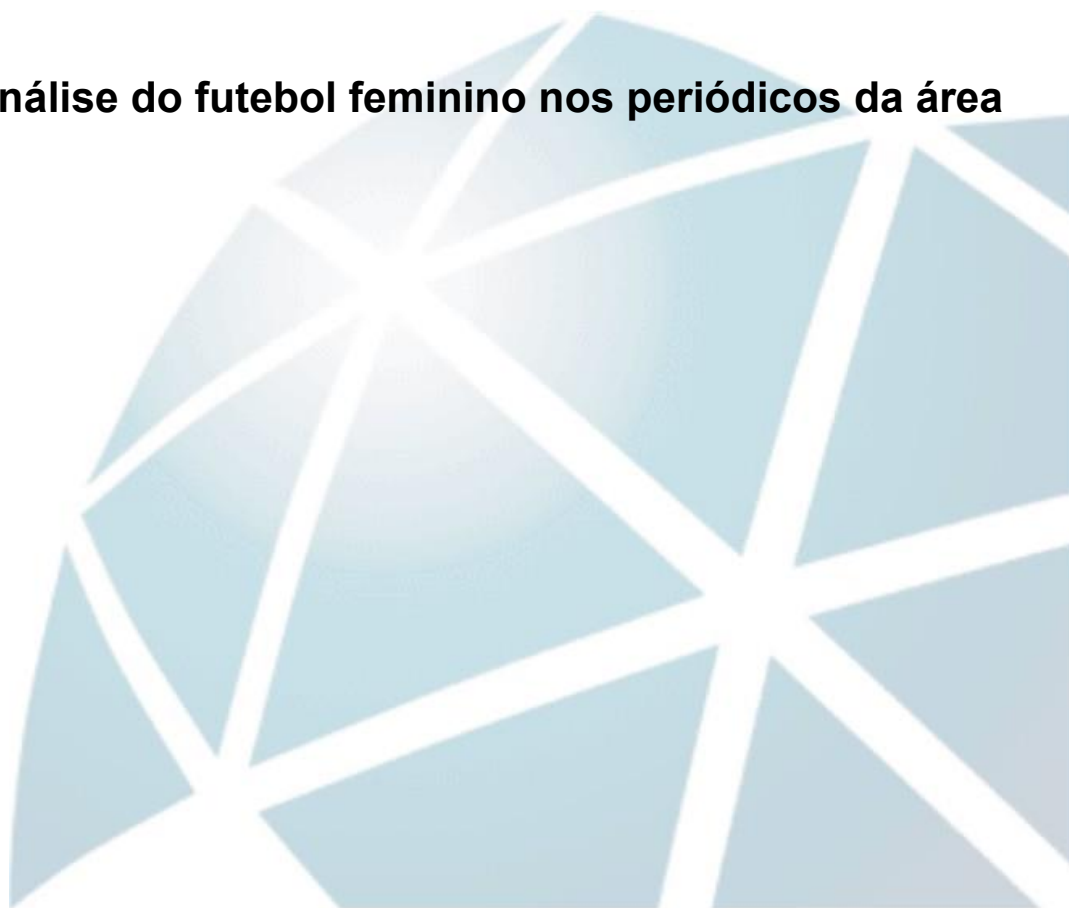

Educação Física

Monica Yumiko Mine

Análise do futebol feminino nos periódicos da área



MONICA YUMIKO MINE

ANÁLISE DO FUTEBOL FEMININO NOS PERIÓDICOS DA ÁREA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro,
para obtenção do grau de Licenciada em
Educação física.

Orientadora: Prof^a. Dra. Suraya Cristina Darido

Rio Claro
2014

796.07 Mine, Monica
M664a Análise do futebol feminino nos periódicos da área /
Monica Mine. - Rio Claro, 2014
32 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Futebol feminino.
3. Escola. 4. Meninos. 5. Meninas. I. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus amigos de São José dos Campos, minha orientadora, Suraya e em especial minha veterana Nyna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado e guiado meu caminho para chegar aonde cheguei.

Meus agradecimentos a nada mais merecido que meus pais Maria e Hiroshi, pois sem a base que eles me deram até hoje, eu não seria nada, por terem me apoiado desde o começo da faculdade, quando escolhi o curso de Educação Física até esse momento, onde estou terminando a graduação como Licenciada em Educação Física.

Agradeço a minha orientadora Suraya Cristina Darido, pela paciência que teve comigo para fazer esse trabalho e também pelo aprendizado durante todos esses anos, com certeza vou levar isso comigo pelo resto da vida, tanto pessoal como profissionalmente.

Aos meus amigos da Unesp – RC que sempre me apoiaram durante esses anos de graduação, que não foram poucos, me ajudaram nos momentos difíceis, afinal de contas, foram minha segunda família enquanto estive fora de minha cidade natal. Não posso esquecer que desde 2009, fui atleta de alguma modalidade esportiva, em especial o vôlei e o tênis de mesa. Onde no vôlei foi meu pontapé para representar o câmpus onde estudo e com muito orgulho. Agradeço aos técnicos de cada modalidade, que tiveram paciência comigo para meu aprendizado e me motivando para me tornar uma jogadora melhor nesse período de faculdade.

Não podendo esquecer também dos meus amigos da cidade de Rio Claro que não são da faculdade, porém sempre que possível estiveram ao meu lado, me apoiando, me dando forças, motivando e também festando comigo sempre que possível.

O meu muito obrigada a toda Comissão de Formatura 2012, pelas noites mal dormidas, pelas amizades feitas e foi o lugar onde aprendi a lidar com o trabalho em conjunto e com pessoas de diferentes cursos por um período curto e que foi intenso o suficiente para criar laços que podem não ficar pra sempre, mas que serão sempre lembrados.

E um agradecimento em especial para aqueles que desde 2009 estiveram comigo, nos piores momentos que Rio Claro me proporcionou até os melhores momentos que a faculdade me mostrou. Aqueles que brigaram comigo

para continuar a fazer as atividades acadêmicas e que ao mesmo tempo brincavam e festavam comigo nas horas de descontração.

Em especial, agradeço a minha veterana, Helne Boriczski Alves, mais conhecida como Nyna na faculdade. Obrigada por tudo que fez por mim, desde 2009 que a gente se conheceu, por sinal, foi uma das primeiras que conheci quando era bixete, até esse último mês. Várias histórias durante esses 5 anos que eu estive em Rio Claro, vários puxões de orelha, vários incentivos, várias torcidas (pois sempre joguei e lembro que sempre que dava você ia lá me ver jogando), várias festas e vários momentos sérios. Não éramos iguais, mas a convivência nos fez ficarmos bem parecidas: alegrias, tristezas, amigos (muitos em comum), os gostos musicais (me fez gostar de coisas mais cultas), gostos para seriados, filmes, dentre outros.

Moramos 1 ano somente e alguns meses juntas, e como são as coisas né? Quando saiu de casa para morar com os pais, senti um vazio grande lá no apto, e agora então, como fico? Só tenho que te agradecer minha querida veterana, e a bixete aqui, está se formando, infelizmente não estará de corpo presente para essa celebração, mas com certeza deve estar festando aí em cima, assim como eu estou festando aqui embaixo com minha conquista! Foram 5 anos e meio lutando para isso e agora, finalmente, terminei o tcc e estou entregando. Te devo muito, desde o começo da minha trajetória e é por isso que faço esse agradecimento que também se torna uma dedicatória a você minha amiga. Não poderei chamá-la frente a frente de colega de profissão, infelizmente não deu tempo, mas sim, começarei minha trajetória como profissional e não mais estagiária.

Obrigada Nyna Boriczski Alves, ou como sua família te chama, Hélne Boriczski Alves. Esse trabalho é em agradecimento a tudo que fez pela bixete aqui durante todos esses anos de convivência juntas, e foi um meio de te fazer uma pequena homenagem.

Obrigada a todos que me ajudaram e me deram o apoio sempre que precisei para essa finalização do curso de graduação. A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

O sucesso acompanha quem assume a responsabilidade por si próprio , quem faz a própria vida – quem não espera, mas faz acontecer.”

(Augusto Branco)

RESUMO

Este trabalho é uma revisão bibliográfica onde analisamos artigos dentro das cinco revistas mais bem avaliadas da Educação Física, buscando como tema central o futebol feminino com relação as aulas de Educação Física. De acordo com a literatura estudada abordamos a posição das mulheres dentro do futebol, resgatando alguns fatos históricos e também como as meninas são vistas dentro do futebol no ambiente escolar, onde podemos citar as dificuldades que os professores ainda apresentam quando são dadas aulas mistas dentro da educação física, fazendo com que busquem alternativas para a prática dos esportes coletivos, com enfoque na prática do futebol.

Palavras chaves: Futebol feminino. Gênero. Feminino. Masculino.

ABSTRACT

This paper is a literature review where we analyzed articles within the five magazines Top-rated Physical Education, seeking as a central theme the women's game regarding the Physical Education classes. According to the literature studied approach the position of women within football, recall some historical facts as well as girls are seen within football in the school environment, where we can cite the difficulties that teachers still have mixed classes when they are given within physical education, making seek alternatives to the practice of team sports, focusing on football practice.

Keywords: Women's football. Gender. Female. Male.

SUMÁRIO

1 – Introdução	10
2 – Objetivo	13
3 – Metodologia	14
4 – Revisão Bibliográfica	16
4.1 – <i>Gênero no ambiente escolar</i>	16
4.2 - <i>Futebol Feminino e Futebol Masculino</i>	19
4.3 – <i>Futebol Feminino no mundo e no Brasil</i>	20
5 – Resultados e Discussão	24
6 – Conclusão	28
7 – Referência Bibliográfica	30

1 INTRODUÇÃO

O esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão, associação esta que criou uma “realidade textual autônoma”: o *esporte telespetáculo* (BETTI, 1998).

O futebol, em termos gerais, chegou ao Brasil em 1894, e somente nos Jogos Olímpicos do século XX, na segunda edição, que a mulher foi inserida na vida esportiva e mesmo assim, muitos se opuseram a sua participação. Em meados do século XX não era considerado que todas as práticas fossem favoráveis para as mulheres praticarem, pois não eram atividades delicadas, femininas, que valorizassem a delicadeza do corpo e dos gestos (GOELLNER, 1999, 2003, 2005).

O futebol feminino aparece como um “desvio de conduta”, pois apresentava outras condutas além das que já eram atribuídas a mulher, como dona do lar, boa mãe, boa esposa (FRANZINI, 2005). Mesmo com muitas oposições a respeito das mulheres jogarem futebol, seu primeiro campeonato foi em 1921, onde elas teriam que ter cabelos compridos e a idade máxima de 23 anos, pois assim deixavam os jogos bonitos e femininos (TODARO, 1998).

Em 1965, houve proibição à prática feminina em esportes como de lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball, implementada pelo CND (Conselho Nacional de Desportos), durante a ditadura militar. Porém ainda existiam mulheres que jogavam futebol em algumas regiões do país (CASTELLANI FILHO, 1994)

Visto que o esporte tem uma presença destacada no ambiente escolar e com esses problemas relatados, discriminação da mulher em tempos não muito remotos, há uma necessidade de se estudar o contexto escolar. A questão que se coloca é como atualmente o futebol é praticado pelas meninas e os seus desdobramentos para as aulas de Educação Física na escola. E que ainda deve – se quebrar certos preconceitos, quando se julgam as meninas que praticam o futebol juntamente com os meninos, fazendo comentários depreciativos como de “marias chuteira”.

Esta pesquisa bibliográfica tem – se como objetivo analisar a produção científica sobre futebol feminino dentro do ambiente escolar, pois pretende – se analisar o estado da arte.

Afinal é preciso desvelar alguns aspectos relacionados aos procedimentos de ensino que acabam refletindo nas dificuldades encontradas por estes professores e professoras para o trabalho com a co – educação (SOUZA JÚNIOR & DARIDO, 2003).

Sendo que dentro do ambiente escolar, também acontece, como por exemplo, a imagem do futebol de salão (futsal) ser mais para os meninos e não para as meninas, estimulando a visao que as famílias tem em relação às meninas de jogarem futsal.

Apesar de ser mostrado que as mulheres estão inseridas nesse mundo do esporte há algumas décadas e participam de várias modalidades esportivas, ainda há reflexos da construção e perpetuação das crenças da superioridade masculina e a inferioridade feminina (HARGREAVES, 1994). E mesmo com o crescimento da participação feminina, ainda se tem uma quantidade bem inferior de praticantes, inclusive no ambiente escolar das meninas em relação a quantidade dos meninos (GOELLNER, 2005).

As questões de gênero emergem na formação profissional, buscando – se alternativas pedagógicas para as aulas de Educação Física (EF) que viabilizem mudanças nas relações de poder entre os sexos na prática dos desportos e das atividades físicas durante as aulas (ABREU, 1992, 1995; SOUZA E ALTMANN, 1999; ALTMANN, 2002).

As aulas de Educação Física reproduzem uma cultura sexista, de acordo com os estudos de gênero, sendo que a escola trabalha com o modelo masculino, contribuindo desta forma para a neutralização das meninas (COSTA, SILVA & AVILA, 2000).

Pela caracterização desde a infância dos meninos serem mais “atirados” brincando de jogar bola, pegador, escalar árvores e muros, empinar pipa, etc. e as meninas serem mais “recatadas” brincando de bonecas, utensílios domésticos em miniatura, desenho e pintura, faz com que futuramente as meninas acabe sendo menos hábil do que os meninos em termos motores (DAOLIO, 1995).

Acaba-se considerando o gênero como um fator, igualmente preponderante, no desenvolvimento de atitudes para com a disciplina e foco de uma necessária intervenção (BRANDÃO, 2002). As diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade e o papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual está inserida (ROMERO, 1994).

A questão que se coloca nesta pesquisa é sobre qual tipo de pesquisa tem sido conduzida sobre esse tema? O que dizem as pesquisas sobre o futebol jogado pelas mulheres?

2 OBJETIVO

O objetivo desse trabalho foi analisar a presença dos estudos sobre o futebol feminino nas revistas mais bem avaliadas da Educação Física, remetendo as dificuldades que as mulheres apresentaram e ainda continuam apresentando para jogar futebol, que é um esporte ainda considerado predominantemente masculino.

3 METODOLOGIA

Foi realizado um trabalho de pesquisa documental, o que significa que foi realizada uma pesquisa onde buscamos informações factuais de documentos a partir de questões de interesse (CAULLEY, 1986).

Foi realizado um procedimento que utiliza técnicas e métodos para apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos, incluindo concepções teóricas de abordagem, possibilitando a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador (MINAYO, 2008). Favorecendo a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

Outra definição, de acordo com Appolinário (2009), consiste em que a pesquisa bibliográfica é sinônimo de pesquisa documental, ou seja, se restringe a análises de documentos, esgotando portanto todas as pistas capazes de fornecer informações interessantes.

Com isso, a pesquisa se iniciou com análises em artigos científicos que abordassem gênero e ambiente escolar, futebol feminino e depois foi realizada uma análise de conteúdo,

Para obter os resultados foram analisadas as cinco revistas da Educação Física consideradas como melhores do país, de acordo com o Webqualis, Revista Motriz, Revista Movimento, Revista Brasileira de Educação Física – USP e a Revista de Maringá - UEM, envolvendo como temáticas: o futebol feminino e o gênero, apresentadas num período de 10 anos (2002 – 2012).

Baseado nos artigos selecionados que se referem ao futebol feminino, desde seu aparecimento até os dias atuais, destacando as dificuldades que as mulheres tiveram anteriormente para conquistar seu espaço dentro do esporte colocado e que ainda sofrem com pré – conceitos formados dentro da sociedade atual.

E também correlacionar o gênero com a educação física, dentro do ambiente escolar onde ainda há resistência das meninas ao realizarem as aulas de Educação Física, onde as oportunidades oferecidas as mulheres são baixas, o que

nos remete a uma Educação Física injusta, burguesa, branca e machista (SOUZA JÚNIOR, 1995).

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. *Gênero no ambiente escolar*

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, sendo fundado nas diferenças percebidas entre os sexos, comportando como primeiro significado as relações de poder (SCOTT, 1988). Sendo assim, as diferenças deveriam ser buscadas em arranjos sociais, ou seja, dentro da sociedade e não somente na área biológica.

Tanto para os homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. E nesse momento que aprenderão definitivamente as técnicas corporais que conservarão por toda a idade adulta (MAUSS, 1974). A partir disso, cria – se um dos fatores que justificam a desigualdade social do país: a distinção entre homens e mulheres (LOURO, 2007), desde a infância os meninos e as meninas já chegam com os padrões de conduta discriminatória. Além de se esperar que os homens sejam agressivos, competentes, competitivos e dominantes e que as mulheres sejam dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam impulsos agressivos sexuais (ROMERO, 1994).

Historicamente, as mulheres exercem papéis secundários em relação aos homens, essa superioridade se dá devido as diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero.

A ligação de escola com família são responsáveis pela construção/reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados a cerca das questões de gênero, ou seja, a escola e a família deveriam ser como aparelho ideológicos (ALTHUSSEN, 1985).

Na escola, os professores não aproveitam essa divergência para realizar aulas com as temáticas de gêneros, constituição cultura corporal, deixando a desejar na construção crítica dos alunos que ali estão envolvidos e muitos professores ainda mantêm – se nas perspectivas esportivas, focando nos esportes mais tradicionais como por exemplo: futebol, voleibol e basquetebol.

Na tentativa de fazer a igualdade dos sexos, foi – se criado em 1920 escolas mistas, porém as desigualdades dos gêneros dentro das aulas de educação

física ainda continuam e alguns professores ainda deixam transparecer essa diferença de meninos para meninas.

Para tentar intervir nessa relação de gênero dentro das aulas de Educação Física, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), considera importante favorecer as aulas mistas, pois assim, os meninos aprendem com as meninas e vice – versa, porém muitos professores acabam não seguindo, pois preferem a comodidade de como as aulas já são ministradas, durante anos, dentro da escola.

Algumas modalidades, de acordo com estudos realizados anteriormente, passam por um processo de generificação que as confere uma identidade masculina ou feminina, fazendo com que os homens ou mulheres ao praticarem algo que seja característico do sexo oposto acabam sofrendo discriminações, isso é incluso dentro de estudos de gênero com respeito a reflexões sobre a construção sócio – histórica de Estereótipos relacionadas às práticas corporais na Educação Física no esporte (PEREIRA, 2004).

Durante as aulas de Educação Física, acabam sendo evidentes as diferenças corporais entre meninos e meninas. Os meninos acabam se sobressaindo nas atividades que são propostas, principalmente quando estas são mais difíceis, sendo consequência pelas vivências corporais da sua infância (ROMERO, 2005).

Baseado no futebol, o qual é nosso tema central do trabalho, é um esporte difundido no nosso país, representando um dos mais fortes traços culturais da população brasileira (DA MATTA, 1982) e seu nome, por ser um dos referenciais mais caros, não necessitava levar a palavra masculino a sua composição, pois a própria palavra futebol já remetia a idéia de homem.

Quando aparece o futebol como um dos esportes trabalhados durante as aulas de Educação Física, tem – se uma divisão da turma, onde o grupo que não aceita ou não adere a atividade proporcionada, acabam sendo dirigidos a outro espaço para fazerem outras práticas, uma das práticas colocadas como alternativa para o lado feminino, foi o voleibol, onde os movimentos são considerados como femininos, sendo adaptável a fragilidade do sexo feminino (SOUZA, 2002).

Pode – se entender essa preferência dos meninos pelo futebol, pois no

Brasil é uma “área reservada masculina” (MOURA, 2005), pois é um esporte de contato com o outro, ativo e fisicamente forte, o que nos remete as características a princípio masculinas, difere do feminino que é considerado: frágil, tímido e dependente (MOURA, 2005).

Mesmo proporcionando aulas mistas, um dos motivos para a professora responsável da aula dividir a turma entre meninas e meninos é deixar os alunos mais a vontade para participarem das aulas, sendo uma das dificuldades para se ter as aulas mistas é a resistência para não juntar todos os alunos, tanto por parte dos alunos como os próprios professores (SARAIVA).

Essa atitude de juntar os meninos com as meninas, não ajudava os meninos a se desenvolver, ou seja, se fizessem aulas mistas, acabaria limitando os meninos nas suas ações, não tendo o desenvolvimento esperado (SILVA, 2005).

Mesmo com a monopólia do futebol pelos meninos, as meninas também jogam futebol, porém aparentam não ter a mesma qualidade que o futebol masculino, de acordo com a pesquisa realizada por Rogério Cruz de Oliveira.

Mesmo com o crescimento do futebol feminino no país, ainda não logrou um status nacional. Sendo uma realidade presente no imaginário da sociedade em geral, onde tende a classificar as pessoas segundo atributos considerados específicos para alguns grupos sociais (CANDAU, 2002).

Por isso, a não oportunidade para alguns, no caso, as meninas, à prática do futebol evidenciou processos de preconceitos e desigualdades, como quando acontece com as meninas que jogam futebol são consideradas lésbicas e acabam rotulando o outro como uma pessoa inferior e não diferente, pois as mulheres são rotuladas como pessoas frágeis em relação ao homem e assim mantiveram – se como perdedoras (ALTMANN, 1999).

Esses valores sexistas que são implementados, refletem diretamente na prática esportiva (SALLES SILVA E MOURA, 1996), deixando – se de valorizar devidamente os sujeitos sociais que produzem tais manifestações culturais (FLEURI, 2003).

E devido aos fatos históricos, o domínio masculino no esporte, acabou invalidando a experiência atlética como uma prática feminina (RUBIO, 2011) e então,

remete – se a uma contestação da feminilidade por assumirem uma postura esportiva, em busca de vitórias (DEVIDE, 2005).

Em tempo da globalização, a constatação e o convívio dos diferentes e as diferenças se dão, quase sempre, de forma tensa, para não dizer desigual (OLIVEIRA, 2006).

4.2. Futebol masculino e futebol feminino

O esporte de modo geral associa a masculinidade pautada na imagem de um homem forte, violento e vitorioso, sendo então, o futebol considerado como um dos esportes mais masculinos que existe (ALTMANN, 1998). Tornou – se popular pela sua facilidade de jogar, onde não é necessário muitos materiais para sua prática, sendo necessário somente os jogadores, traves, um espaço e independe de idade ou sexo para sua prática. Na rua, escola, campinho do bairro ou até um quintal de casa, desde cedo os jovens começam a praticar o futebol (BORSARI, 2002).

Levando – se em consideração também que o futebol, quando no seu início, era praticado por camadas altas da sociedade, onde lentamente as camadas mais baixas começaram a jogar futebol nas famosas “peladas”, onde os meninos, negros e que não iam a escola, desenvolviam suas habilidades no futebol (BETTI, 2004).

Um dos motivos que pode ser considerado ao atraso do futebol praticado pelas mulheres, seja devido a pouca participação e oportunidade oferecidas a elas, com uma educação física injusta, burguesa, branca e machista (SOUZA JÚNIOR, 1995) e também devido a algumas características que são mais voltadas aos homens do que para as mulheres, como força muscular, agressividade e a capacidade física (LJUNGVIST, 1998).

Atualmente as mulheres tem conseguido um destaque nos acontecimentos esportivos, porém o número de esportistas ainda continua inferior nos torneios importantes, comparados aos homens (VENTURA E HIROTA, 2007). Apesar de já se notar uma maior participação das mulheres nas competições, devido ao fator motivacional (DRINKWATER, 2000), tanto porque as competições foram criadas “por homens e para homens” (LJUNGVIST, 1998), visto também que a

entrada da mulher dentro do mundo dos esportes, foi feita de maneira devagar, cautelosa, “pelas bordas”, dando – se por “infiltração” (MOURÃO, 1998).

Dentro do ambiente escolar, o futebol praticado pelas meninas, é uma conquista recente, e levando em consideração que o futebol estabelece algumas diretrizes pautadas em valores sexistas (SCOTT, 1995). Os esportes femininos são lembrados pela beleza e sexualidade que são transmitidos na mídia, tornando – se associado a imagem que é vendida pela indústria cultural, determinando um padrão de beleza, confundindo a estética do jogo com a estética do corpo (BRUHNS, 2000).

O futebol é um motivo de excitação e manifestação de sentimentos em relação a uma possível aparição durante as aulas de Educação Física, acionando as normatizações sociais e de gênero dos seus praticantes (DARIDO, 2002; DARIDO & SOUZA JR 2002).

Mesmo as mulheres conseguindo conquistar seu espaço dentro do mundo do esporte, no caso, do futebol, ainda são vítimas de preconceito e ainda continuam buscando reconhecimento dentro do esporte.

4. 3. Futebol Feminino no mundo e no Brasil

História do futebol feminino foi ao contrário do futebol masculino. Onde para os homens, a prática do futebol era viável as pessoas da elite, para as mulheres a prática do futebol foi feita com as pessoas de classes menos favorecidas, pois assim apresentavam um comportamento mais parecido com o masculino, sendo melhores aceitas dentro do futebol (BRUHNS, 2000).

O futebol feminino teve seu primeiro indício na disnatia Han (206 a.C – 220 d.C), onde elas jogavam uma variação do antigo jogo chamado Tsu Chu, porém há outros relatos que apontam para o décimo segundo século, na qual as mulheres faziam jogos de bola, porém era somente em dois países que começou a prática do futebol: Escócia e França.

1863 foram feitas as primeiras regras do futebol feminino, com o intuito de evitar a violência entre as jogadoras e em 1892 houve o primeiro jogo de futebol entre as mulheres, na cidade de Glasgow, na Escócia e em 1790 houve relato de

uma competição anual que aconteceu em Lothian, Escócia.

Em 1898 houve a primeira partida de futebol feminino, sediada em Londres. Sendo os principais países da competição: Inglaterra e Escócia.

O futebol feminino teve seu início oficialmente, de acordo com alguns documentos, no ano de 1884, quando Nettie Honeyball fundou o primeiro clube desportivo britânico, Ladies Football Club. Logo depois, Lady Florence Dixie criou jogos de exposições para caridade e em 1895 se tornou presidente da British Ladies Football Club, providenciou também uma turnê da equipe de futebol de Londres.

Primeira Guerra Mundial foi a temporada de superlotação do futebol feminino na Inglaterra, muitos homens foram para batalha e as mulheres ficaram nas fábricas, o que acabou fazendo com que cada fábrica tivesse seu próprio time de futebol, o que até então era somente masculino, a equipe que teve destaque nessa época foi a Dick, Kerr's Ladies of Preston, da própria Inglaterra.

Ao final da guerra, a Football Association (FA) não reconheceu o futebol feminino, apesar de sua popularidade e sucesso que obteve, o que levou a formação da English Ladies Football Association, cujo início foi difícil devido ao boicote da Football Association que acabou levando as mulheres a praticar o futebol em campos de Rugby.

Em 1966 o interesse dos amadores cresceu, fazendo com que a FA, em 1969, criasse o ramo feminino da FA. Em 1971 o futebol feminino ganhou mais forças ainda, a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), fez gerar e promover o futebol feminino e na Europa foi consolidado nos anos seguintes, sendo que nos países: Japão, EUA e Itália, têm ligas profissionais o que comparado com o masculino, torna – se tão popular quanto aos homens.

Quando falamos do futebol feminino dentro do Brasil, as primeiras aparições das mulheres no futebol, foram em jogos mistos, em 1908 e 1909 e somente em 1921 que houve o primeiro jogo feminino de futebol, em São Paulo, tremembenses contra as senhoritas catareirenses.

Visto que havia um certo preconceito das mulheres em jogar futebol, porque a prática de outros esportes era incentivada, pelo período histórico que o país se encontrava, transição do período higienista para o eugenista, onde as

atividades praticadas poderiam favorecer a função da mulher, materna, para gerar homens fortes e um engrandecimento para a raça brasileira (SUGIMOTO, 2003)

O primeiro clube a se ter uma equipe feminina foi Araguari Atlético Clube, em meados de 1958, onde selecionou 22 meninas para um jogo beneficente em dezembro do mesmo ano, porém essa equipe não durou muito, em 1959 a equipe acabou sendo desfeita pela pressão dos religiosos de Minas Gerais.

As dificuldades para a prática do futebol pelas mulheres, sendo uma delas o status que levava consigo, se jogasse bola não era “madame”, se não era “madame”, era pobre (BRUSCHINI, 2002).

E em 1964, por causa da CND (Conselho Nacional de Desportos), houve a proibição do futebol feminino no país, foi o período militar onde foram implantadas leis que faziam pressão para afastar as mulheres no futebol, com isso, os jornais que era favoráveis a prática do futebol pelas mulheres, começaram a ceder e aderir a oposição da prática do futebol por elas, alegando somente que poderiam prejudicar os órgãos reprodutores das mulheres, esquecendo que os homens também tem órgãos reprodutores, porém para eles era liberado a prática do futebol normalmente. A falta de conhecimentos sobre o sistema fisiológico da mulher, acabaram contribuindo para o preconceito e barreiras que inibem a prática feminina do esporte.

Essa lei foi revogada em 1981, por meio da deliberação número dez do CND (BRASIL, 1979), com o reconhecimento de que as mulheres deveriam participar das modalidades esportivas (CASTELLANI FILHO, 1988), porém somente em 1996 o futebol feminino foi incluído nos Jogos Olímpicos, onde conseguiu a quarta colocação que também foi repetida em 2000, nas Olimpíadas de Sidney.

A profissionalização no Brasil ainda é difícil, pois não há uma ajuda que organize o futebol feminino dentro do país e nem investimento público nem privado (SUGIMOTO, 2003), se comparar aos EUA onde o futebol é visto como um esporte feminino.

Devido a história que o futebol feminino carrega, criou – se um preconceito social no futebol para as mulheres participarem, onde pessoas de boa

família não poderiam se misturar com quem jogasse futebol (WITTER, 1990), tratando as mulheres que jogam futebol como masculinizadas, grosseira e sem classe social.

A comparação de rendimento esportivo entre homens e mulheres aparecem, sendo injusta pelo fato dos homens terem ingressado nesse mundo esportivo bem antes do que as mulheres, porém mesmo quando a mídia tenta se aproximar do futebol feminino, não tem sucesso, pois quando falam sobre a qualidade da performance, acaba comparando com o futebol masculino, tornando o futebol feminino pouco atrativo.

Como ainda não há o reconhecimento merecido das mulheres jogando o futebol, elas se envolvem de maneiras diferentes, como por exemplo a arbitragem dos jogos de futebol em campeonatos importantes, como relatado na Revista Mulher e Carreira em 2004, onde no Campeonato Brasileiro de Futebol, a disputa entre São Paulo e Guarani, o trio de arbitragem foi 100% feminino, fazendo com que alguns torcedores não acreditassem no que viam e outros ficaram indignados com o que viam na arbitragem do jogo.

Atualmente, não bastam ser boas jogadoras, ainda exigem que sejam jogadoras bonitas e extremamente femininas, pois como falado por Cardoso (Veja, 30/10/1996) a beleza é fundamental para viabilizar o empreendimento.

Quando falado de futebol feminino no exterior, há um melhor aceitação para o público, onde a prática, como vista nos EUA, apresenta um grande espetáculo tal como o beisebol, basquete e futebol americano. Além de também ser muito requisitado pelas americanas universitárias tendo uma aceitação bem favorável e aceitável (MOURA, 2005).

O mesmo não sendo apresentado no Brasil, onde a visibilidade da mulher jogando futebol se dá a masculinização do corpo da mulher, quebrando o padrão de se ter uma beleza e a feminilidade (GOELLNER, 2005).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analizamos artigos de períodos de 2002 até 2012 (10 anos), dentro das revistas mais bem colocadas dentro da Educação Física, como mostrado na tabela abaixo, destacando – se o futebol feminino e ambiente escolar, analisando na produção bibliográfica como os professores tratam o gênero em conjunto com o futebol dentro das aulas de educação física.

Para facilitar o estudo, foi feito uma tabela com os artigos utilizados, onde destacamos: autor, revista, objetivo e os principais resultados de cada artigo, como segue no quadro abaixo:

Quadro 1- Artigos Utilizados

Autor (es)	Revista	Objetivo	Principais resultados
SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. 2002	Motriz	Analisar dentro do ambiente escolar a postura das meninas nas aulas de educação física mistas, assim como a prática do futebol por elas e através dos questionários realizados com algumas alunas, comparar a prática do futebol com as outras modalidades esportivas que eram aplicadas.	Resultados em forma de gráficos, onde os dados remetem que a maioria das alunas praticam o futebol nas aulas de Educação Física e também nas horas livres, porém com turmas somente femininas, mas as quadras esportivas das escolas ainda são de predominância masculina.
DARIDO, S. C. 2002	Motriz	Dentro das bibliografias procurar sobre a parte histórica do futebol feminino dentro do Brasil, mostrando as dificuldades que tiveram para se ter a prática do futebol. Levantar uma pesquisa a respeito da prática do futebol pelas meninas dentro das aulas de educação física, focando como os professores abordariam esse assunto.	Os professores criaram táticas, meios alternativos para poder envolver as meninas no futebol dentro das aulas de educação física, fazendo com que elas estejam em igualdade com os meninos.
SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. 2003	Motriz	Tem como objetivo trabalhar dentro da educação física questões como o gênero (meninas x meninos). Como as questões culturais influenciam nas propostas das aulas da educação física, realizadas com a implementação do futebol nas aulas mistas.	Para se implementar atividades nas aulas mistas, os professores tiveram que ceder uma parte da aula para gosto dos alunos e a outra parte para com as propostas iniciais, para assim atrair a atenção dos alunos.
BASSANI, J. J., TORRI, D., VAZ, A. F. 2003	Movimento	Estudar aspectos da educação do corpo escola. Analisar as aulas de Educação Física e atividades de Esporte Escolar em uma escola pública de Florianópolis.	Professor aplica as atividades da maneira mais confortável para ele além de fazer tratamentos diferentes de meninos para as meninas nas aulas de educação física.
GOELLNER, S.V. 2005	Brasileira Educação Física e Esporte –	O artigo busca trazer relatos sobre as mulheres protagonizarem histórias no futebol em artigos antigos, relatos históricos, revistas esportivas, jornais,	Futebol feminino não apresenta uma estrutura boa para se praticar o futebol, além das mulheres também não apresentarem o

	USP	dentre outros.	mesmo espaço que a população masculina no esporte.
OLIVEIRA, R. C. 2006	Motriz	Assistir o futebol aplicado nas aulas de educação física e analisar o comportamento dos meninos e das meninas com relação ao esporte.	Futebol se tornou um lugar de preconceitos e desigualdades, onde se mostrou que o “outro” é inferior e não diferente.
SOUZA, J. S. S., KNIJNIK, J. D. 2007	Brasileira educação física e esporte - USP	Artigo traz como objetivo uma análise a respeito da relação dos gêneros com os esportes, envolvendo a mídia e destacando como modalidade o futebol.	As mulheres tem uma cobertura menor dos jogos de futebol do que os homens, mesmo apresentando uma grande variedade de eventos acontecendo tanto dentro do Brasil como fora do país. A mídia faz diferença para transmitir jogos de futebol feminino do jogo de futebol masculino.
SOUZA JUNIOR, O. M., DARIDO, S. C. 2010	Motriz	Analisar o futebol dentro das escolas e das aulas de educação física, destacando os conteúdos que possam ajudar para sistematização do componente curricular da educação física escolar.	O estudo demonstrou que por meio do futebol, como a identificação, a seleção e a organização interferem para um tratamento aprofundado do tema. Resgatando também os jogos populares.
FERRETI, M. A. C.; ZUZZI, R. P.; VIANA, A. E. S.; VILHA JUNIOR, F. M. 2011	Motriz	Analisar as reportagens para identificar o espaço que era colocado para o futebol feminino e para o futebol masculino, avaliando o que é transmitido para os leitores, de forma quantitativa.	De forma quantitativa, as mulheres só tiveram destaque nos Jogos Olímpicos, relatado no artigo, porque tinha alguns patrocinadores. Os patrocínios conseguidos não eram fixos e acabavam não valorizando o futebol jogado pelas mulheres, mas sim o corpo e a beleza delas.

Fonte: Elaborada pela autora

Ao total foram analisados 9 artigos, dentro das revistas propostas, onde 5 deles foram relatados em aulas de educação física, onde o futebol foi aplicado em aulas mistas, fazendo uma análise de como as meninas se comportam em aulas mistas, principalmente nessas práticas do futebol e como os meninos aceitam a “invasão” das meninas nessa modalidade esportiva.

Dentro dos artigos analisados, alguns trazem relatos que as meninas apresentam dificuldades para jogar futebol, se transformando em uma desculpa para a não prática do esporte, mesmo dentro das aulas de Educação Física, como falado por Faria Júnior, citado no artigo de Darido (2002), o futebol deixa o corpo masculinizado e pode prejudicar os órgãos reprodutores femininos, assim como falado por Ballariny, futebol é um esporte violento e que pode provocar traumatismos

para os órgãos femininos. Mesmo sendo justificativas que foram feitas com poucos estudos a respeito do assunto, acabou se tornando uma abertura para os preconceitos e também como barreira para as meninas não praticarem o futebol.

O futebol ter sido considerado, pela maior parte dos artigos lidos, como um lugar masculino e não feminino, como foi mostrado no estudo feito por Souza Júnior (2002) e Darido (2002), assim como descrito por Faria Júnior, (1995), onde o futebol é um esporte onde se tem um agravante do espírito agressivo e combativo, o que não é compatível com o caráter feminino.

Outro fator encontrado, foi a competitividade, assim como Altmann (1998) cita, a exclusão das meninas pelos meninos, também pode ocorrer devido a competitividade que existe entre os alunos nos esportes coletivos, o que nos leva também a características relacionadas com a idade e gênero juntamente com a habilidade.

Como relatado na tabela acima, o artigo de Souza Júnior (2003) apresenta um estudo onde para se ter aulas mistas na Educação Física, foi necessário criar métodos para conseguir reunir todos os alunos, ou seja, foram criados métodos alternativos para conseguir dar as aulas mistas, como também falado por Darido (2002), onde os professores tiveram que criar métodos alternativos para poder envolver todos os alunos, onde não tenha exclusões ou desigualdades, pois como Saraiva (2005) escreveu, ainda há uma certa resistência para se ter aulas mistas de educação física, tanto por parte dos alunos como também dos professores.

O futebol dentro do ambiente escolar, como citado por Souza Jr (2002) não obtém uma predominância feminina, sendo um dos motivos destacados por Altmann (1998), onde o futebol sendo masculino, apresenta uma segurança para os meninos já as meninas, apresentam uma ameaça para o sexo oposto, quando elas acabam “invadindo” o espaço deles.

Outros 3 artigos, apareceram como objetivo a análise do futebol feminino de forma generalizada, onde mostram a história do futebol feminino dentro do Brasil. E somente 1 artigo foi ligado o gênero com o futebol, envolvendo a mídia e o futebol.

Os autores ao falarem da história do futebol dentro do Brasil, colocam a

desigualdade que as mulheres sofrem em comparação com os homens, assim como falado por Goellner (2005) onde as mulheres ainda apresentam uma situação bem precária para se jogar o futebol, onde não tendo o mesmo espaço que os homens e ainda sofrem discriminação, que também é abordado por Kolnes (1995), causando um estreitamento entre homens e mulheres, onde as mulheres acabam sofrendo varias formas de discriminação.

Souza Jr (1999) também remeteu ao fato das meninas jogarem futebol e elas serem masculinizadas pelos meninos e que estes passariam a ter medo das meninas, porque elas poderiam ganhar deles, isso também explica o fato do futebol ser uma área reservada masculina (MOURA, 2005).

No único artigo que remete o gênero com o futebol ligado a mídia, ainda se percebe uma precariedade no futebol feminino, como citado por Knijnik e Vasconcellos (2003), mesmo as futebolistas apresentando um grande resultado, ainda são desconhecidas para maior parte do público. Mourão e Morel (2005) também falam que o esporte, através da mídia, é predominantemente branco e masculino.

Além de não valorizar os jogos em si e somente destacar as belezas das jogadoras, assim como falado por Bordo (1997) a real situação do futebol feminino no Brasil tem o tratamento mais voltado para o corpo da mulher.

6 CONCLUSÃO

Reconhecer esportes para diferentes gêneros, ainda é uma questão difícil para se lidar na prática, onde muitos professores ainda fazem divisão de sala, aplicando atividades diferentes de meninos para meninas, onde muitas vezes os meninos que fogem da prática do futebol e a menina que luta para poder jogar bola com os meninos, acabam sendo alvos de comentários acríticos por não estarem no seu ambiente considerado como correto, ideal.

Futebol feminino vem crescendo e ganhando seu espaço, porém ainda é muito discriminado, as mulheres não são bem retratadas pela mídia que faz a divulgação dos esportes.

Dessa maneira a identidade do gênero passa a ser compreendida como uma construção e não como um destino já traçado a partir dos traços da biologia do sexo.

Cabe então, ao professor de educação física, durante as aulas, realizarem problematizações acerca do gênero e orientação sexual, atentando – se para o reconhecimento, promoção do respeito e cidadania das múltiplas maneiras de vivenciar a sexualidade, ao invés de serem reprimidas dentro da escola, deveriam ser manifestadas contribuindo para o enriquecimento das relações sociais e desestabilização das relações do poder (JUNQUEIRA, 2007).

Fazendo com que durante as aulas de educação física, sejam aulas mistas e em igualdades, não fazendo diferença das turmas como foi relatado por Bassani, Torri e Vaz no artigo escrito, onde relataram que os próprios professores faziam diferenças das meninas com os meninos, onde as meninas apresentam um paradigma de inferioridade esportiva.

Com isso, não pode – se afirmar uma igualdade entre homens e mulheres em algumas modalidades esportivas, como o mostrado no trabalho realizado, o futebol. Mesmo tendo uma mudança cultural nas últimas décadas, ainda não foi o suficiente para a promoção da participação feminina esportiva (MOLINA NETO, 2003).

Assim como algumas modalidades esportivas, o futebol ainda apresenta discriminação e preconceitos em lugares como clubes, escolas e lugares

publicos (GUEDES, 2006).

Vimos também que muitos dos empecilhos que foram passados em forma de atraso para a prática do futebol feminino, são de origem antiga, onde até atualmente, ainda já preconceitos para com a mulher praticar o futebol (SOUZA JÚNIOR E DARIDO, 2002), outro motivo que também ajudou a não prática do futebol por elas foi a pouca participação das meninas nas escolas em aulas de Educação Física.

O futebol apresentando mais de 100 anos dentro do Brasil, porém quando falamos do público feminino, esses anos diminuem, onde houve muitas barreiras e proibições para a prática do futebol pelas mulheres, onde acaba – se levando alguns conceitos culturais e que marginalizam a mulher praticante do futebol no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, J. J; TORRI, D; VAZ, A. F. **Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidade**, Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003.
- BETTI, M. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?**, Motrivivência, Florianópolis, ano XIII, n17, set/2001.
- BRITO, L. T; SANTOS, M. P. **Masculinidade na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão**, Revista Brasileira Educ. Física Esporte, São Paulo, Abr/Jun 2013, 27(2): 235 – 46.
- CAPRARO, A. M; CHAVES, A. S. **O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social**, Efdeportes, Revista digital – Buenos Aires – Ano 12, n.111, Agosto, 2007.
- DARIDO, S. C. **Futebol Feminino no Brasil: do seu início a sua prática pedagógica**, Motriz, Rio Claro, 2002, 8.02: 43-49.
- D'AVILA, L. B.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Futebol feminino e sexualidade**, Revista das Faculdades Integradas Caretianas, n2, jan/dez, 2009.
- DEVIDE, F. P; OSBORNE, R; SILVA, E. R; FERREIRA, R. C; CLAIR, E.S; NERY, L. C. P. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira**, Revista Motriz, Rio Claro, v17, n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.
- FARIA, E. L; **Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade**, Cadernos de campo, São Paulo, n. 18, p. 1-352, 2009.
- FRAGA, A. B. **Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes**, Movimento, Porto Alegre, ano 2, n3, 1995/2.
- FURLAN, C. C; SANTOS, P. L. **Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade**. Motrivivência, Florianópolis, ano XX, n30, p 28- 43, jun/2008.
- GOELLNER, S. V; **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- JESUS, M. L; DEVIDE, F. P. **Educação Física escolar, co – educação e gênero: mapeando representações de discentes**, Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.
- LOVISOLO, H; SOARES, A. J; BARTHOLO, T. L, **Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas**, Movimento, Porto Alegre, v.12, n.03, p. 156 – 191, Set/dez 2006.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia, Pensar a Prática** v.10 n.01, p.69-81, jan./jun. 2007.

MORIEL, M.; SALLES, J. G. C. **Futebol Feminino**, Dacosta, Iamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

PRADO, V. M; RIBEIRO, A. I. M. **Gênero, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa**, Motriz, Rio Claro, v.16, n.2, p402 – 413, abr/jun 2010.

OLIVEIRA, M. F; PAIXÃO, J. A. **Prática desportiva feminina: análise histórica de sua trajetória e implicações no âmbito das aulas de Educação Física escolar**, Efdeportes, Revista Digital - Buenos Aires – Ano 14 - Nº 141 – Fev. 2010.

OLIVEIRA, S; **Futebol Feminino no Brasil – A história**, 8 – Fev – 2011. Disponível em <<http://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/>> Acessado em 20 de Abr, 2014.

PACE JUNIOR, R. L; MAZINI FILHO, M. L. **Gênero e Educação Física escolar**, Efdeportes. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, Nº 147, Agosto de 2010.

SALVINI, L; MARCHI JÚNIOR, W. **Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980 – 1990**, Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan/mar de 2013.

SANT'ANNA, C. J. B. **Futebol Feminino nas Olimpíadas**, Site disponível em <www.clerioborges.com.br/ffeminino.html> Acessado em 20 de Abr, 2014.

SANTOS, L. B; SILDA, T. D; HIROTA, V. B. **Mulher no esporte: uma visão sobre a prática no futebol**, Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Volume 7, número 3, 2008.

SILVA, P; GOMES, P. B; QUEIRÓS, P. **Educação física , desporto e gênero: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal)**, Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

SILVA, J. R. S; ALMEIDA, C. D; GUINDANI, J. F. **Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas**, Revista Brasileira de História e Ciências sociais, São Leopoldo, ano 1, num. 1, jul, 2009.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, J. D. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais do Brasil**. Revista Brasileira Educação Física e Esporte, São Paulo, v.21, n1, p.35 – 48, jan/mar. 2007.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**, Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, SP: [s.n], 2013.

SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental**, Revista Motriz, Jan – Abr 2002, Vol.8, n.1, pp 1 – 9.

SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. **Influência da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co – educativas em aulas de Educação Física**, Revista Motriz, v.9, n.3, p. 143-151, set/dez 2003.

SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. **Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar**, Revista Motriz, Rio Claro, v.16, n.4, p.920 – 930, out/dez. 2010.

Monica Yumiko Mine

Profa. Dra. Suraya Cristina Darido